

Roy Campbell (1901-1957): o hispanista escocês da África Austral ¹

À Pat e ao Lito

Cinquenta anos após o trágico desaparecimento de Roy Campbell, em acidente rodoviário ocorrido próximo de Setúbal, ² vale a pena revisitar ³ a figura deste poeta e hispanista de ascendência escocesa, nascido em Durban, cuja actividade lusófila o torna merecedor de um estudo fatalmente mais vasto do que este artigo visa empreender. Não obstante a importância das vivências sul-africanas ⁴ e espanholas (por exemplo, o testemunho presencial da eclosão, em 1936, da Guerra Civil), a orientação comparativista desta publicação justifica que privilegiemos as vertentes inglesa e anglo-portuguesa de Roy Campbell, começando por apontar, no que toca à primeira e além do parentesco (familiar, que não político-ideológico...) com George Orwell (1903-1950), a contemporaneidade e os contactos mantidos com poetas, romancistas, ensaístas e críticos como Wyndham Lewis (1884-1957), os irmãos Sitwell (Edith, 1887-1964, Osbert, 1892-1969 e Sacheverell, 1897-1988), T. S. Eliot (1888-1965), ⁵ Vita Sackville-

¹ Decerto por lapso, a edição consultada de *The Oxford Companion* apresenta 1902 como data de nascimento, omitindo ainda a referência ao 3º volume de *Collected Poems*, publicado em 1960 (Harvey (ed.), 1983: 138).

² A morte de Campbell foi noticiada na BBC, onde Campbell trabalhou entre Janeiro de 1946 e Setembro de 1949.

³ Na verdade, Roy Campbell e “Rounding the Cape” (1930) são meteoricamente referidos por Filipe Furtado em recensão a *Shades of Adamastor*, uma antologia de poetas sul-africanos publicada em 1988 (Furtado, 1990: 137-143); cf. também *infra*: nota 9.

⁴ Da autobiografia de Campbell, intitulada *Light on a Dark Horse*, transparece o seu amor pelos grandes espaços naturais africanos, pela flora, fauna e vida selvagens e pela actividade física ao ar livre. O facto de esta obra ter 1936 como data terminal explica a quase total inexistência de referências a Portugal, onde Campbell apenas se fixaria definitivamente em 1952; ainda assim, lembráramos a nomeação dos cavaleiros tauromáquicos Simão da Veiga e João Núncio (Campbell, 1971: 227).

⁵ No Prefácio que escreveu para a edição do ensaio anónimo *On the Four Quartets of T. S. Eliot*, Campbell apresentaria Eliot como “[...] our finest living poet [...]” (Anónimo, 1953: 8); nesse sentido, a afirmação de que “*The Flaming Terrapin* [a primeira publicação de Campbell, 1924] established his reputation as a rising star and was favorably compared to the recently released poem of Eliot’s *The Waste*

West (1892-1962), L. P. Hartley (1895-1972), Robert Graves (1895-1985), Edmund Blunden (1896-1974), o também sul-africano Laurens Van der Post (1906-1996) e Dylan Thomas (1914-1953).

Apesar da notoriedade e envergadura de muitos destes nomes, bem como do reconhecimento e da consagração públicos que elogios como os tecidos por Edith Sitwell⁶ permitiriam fazer supor, algumas das apreciações veiculadas sobre o lugar de Roy Campbell na literatura (e, mais especificamente, na poesia) de expressão inglesa chamam a atenção para aspectos heterodoxos e marginais de alguém cuja ‘periferia’ era, afinal, também marcada pela condição de sul-africano e pela carinhosamente depreciativa alcunha de “Zulu” com que alguns amigos dos círculos e ‘centros’ literários de Londres e Oxford o rebaptizaram:

He was considered by T. S. Eliot, Dylan Thomas and Edith Sitwell to have been one of the best poets of the period between the two World Wars, but his connections to right-wing ideology have impaired his reputation and any unbiased assessments of his writing. A willingness to make bitter enemies of influential literati also helped consign him to the outskirts of literature. As of 2006, his life and works --- both singularly colorful --- are little known and overdue for re-examination. ([http://en.wikipedia.org/wiki/Roy_Campbell_\(poet\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Roy_Campbell_(poet))): 1).

Curiosamente, a problemática avaliação de Campbell perpassa também nos raros juízos sobre ele avançados por alguns críticos e ensaístas portugueses, entre os quais pontifica e avulta o nome de Jorge de Sena. Assim, na primeira das duas brevíssimas crónicas que viria a dedicar-lhe, publicada originalmente em 1953, escreve aquele Professor:

Land.” ([http://en.wikipedia.org/wiki/Roy_Campbell_\(poet\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Roy_Campbell_(poet))): 1) é a um tempo surpreendente e intrigante, se bem que a inexistência de identificações autorais dos artigos e das informações neles contidas nos suscitem algumas reservas e aconselhem prudência na utilização indiscriminada e acrítica desta enciclopédia virtual.

⁶ “Roy Campbell was one of the very few great poets of our time. [...] The poems have [...] an extraordinary sensuous beauty – a sensuousness that is extremely rare [...]. His use of rhyme is masterly. [...] That ‘perfume impalpable to form’ was shed by all Roy Campbell’s rhymed poems.” (Prefácio a Campbell, 1960a: 5-6, *passim*).

A maior dificuldade [...] reside exactamente [...] no facto de Campbell não ser aquilo que hoje começamos a não saber já o que seja --- um *moderno*. Se por moderno se entender aquele para quem a poesia é um excesso de exuberância vital cristalizada em palavras ou uma efusão a que o poeta se abandona sem disciplina intelectual, Roy Campbell não é um moderno. Se, todavia, considerarmos intrínsecos do modernismo uma certa objectividade lírica [...] e uma expressão que, não obstante as recorrências retóricas tradicionalistas, incorpora as subtilezas expressivas que o simbolismo revalorizou, Campbell é, sem dúvida, um poeta do nosso tempo. (Sena, 2005: 67-68; cf. também *ibidem*: 157-158).

Para Joaquim Paço d’Arcos, figura muito próxima de Campbell e à qual nessa medida regressaremos:

Campbell foi um grande mestre do classicismo numa época em que as turbas literárias procuravam novas formas poéticas e só se satisfaziam na busca retorcida e na permanente evasão. Lutou contra a maré, em todos os terrenos, e já que é de uso aceitar-se que os homens de letras são inconformistas, ele, erguendo-se acima deles e contra eles, foi, pode dizer-se, um inconformista do inconformismo. (Paço d’Arcos, 1968: 19-20).⁷

[Roy Campbell] trouxe à literatura de língua inglesa uma seiva profundamente original e vigorosa, em que ressoam todos os ruídos do mato africano, o tumulto das vagas do oceano, os ecos das guerras, o silêncio dos mortos nas estradas de Espanha e nas areias do norte de África. (*ibidem*: 17).

Antes de, por conveniência expositiva, dividirmos a actividade lusófila deste hispanista⁸ anglófono em três grandes componentes, recorde-se, em jeito de prelúdio, o seguinte episódio:

⁷ Texto de conferência proferida em 23 de Novembro de 1967, no 10º aniversário da morte de Campbell, a convite da Sociedade de Língua Portuguesa e na presença, entre outros, do seu Presidente, Dr. Francisco José Veloso, da viúva, Mary Garman Campbell, do Embaixador da República da África do Sul e do Prof. Hernâni Cidade. Recorde-se que também Jorge de Sena, tendo em mente as vivências inglesas de Campbell, viria a aludir ao seu “inconformismo aristocratizante” (Sena, 2005: 157).

⁸ A apresentação de Campbell como “Homem de ar livre, habituado a uma vida boémia e aos mesteres mais modestos --- os camponeses da Camargue, os pescadores, o ‘povinho pitoresco’ das aldeias de Espanha e de Portugal foram a sua gente [...]” (Sena, 2005: 158) é assim corroborada por Paço d’Arcos: “Amava o povo português, o povo humilde dos campos, as nossas paisagens, com ternura igual à que

Os primeiros contactos do poeta com Portugal foram quase premonitórios; num trabalho emitido durante um programa de rádio em 19 de Abril de 1954 e intitulado *Um Poeta Sul-Africano em Portugal* dá-nos conta que, ao deixar a doca de Alcântara, caminhou sem destino até que entrou no Mosteiro dos Jerónimos. Encandeado pela luz do sol, não se apercebeu de tudo o que o rodeava e só a pouco e pouco é que foi tomando conta do sítio onde estava. Qual não foi o seu espanto quando entendeu que tinha, de um lado, o túmulo de Vasco da Gama e, do outro, o de Luís de Camões; o marinheiro e o marinheiro, soldado e poeta que descobriram, baptizaram e imortalizaram a sua terra: o Natal. (Gomes, 1992: 88-89).⁹

1) O viajante:

Fruto de alguns períodos de residência entre nós, mais fugaz (Sesimbra e Estômbar, em 1937) ou permanente (na região da Serra de Sintra, primeiro em Galamares, 1952-1956, e no Linhó, 1956-1957),¹⁰ Roy Campbell deixar-nos-ia um relato confessadamente pessoal e afectivo, intitulado simplesmente *Portugal*, do seu envolvimento com o país, as suas gentes, paisagens, actividades, costumes e tradições. Como escreve na Introdução,

I have not tried to write a travel-book, or a guide book, or a text-book about Portugal. This is a personal book, about a country which I love and admire and about a people among whom I can number countless friends in all walks of life. [...] It is a book about people I have met and things I have seen and done in the country which is now my home. (Campbell, 1957a: ix-x).¹¹

desde novo consagrara à Espanha e à sua terra ardente. Era por adopção um peninsular.” (Paço d’Arcos, 1968: 7). Outro curioso sinal desta ‘peninsularidade’ chega-nos do próprio Campbell, ao declarar: “[...] my favourite prose-reading, after Gibbon and *Moby Dick*, is Major General Napier’s *History of the Peninsular War*.” (Campbell, 1971: 320).

⁹ Nas palavras do próprio Campbell, “It was a Portuguese sailor who first put South Africa on the geographical map. It was a Portuguese who first put South Africa on the literary map.” (*apud* Monteiro, 1998: 19).

¹⁰ As informações avançadas por Campbell são um pouco contraditórias, o que não nos impediu de conseguir identificar um dos seus locais de residência. Assim, à nomeação genérica do Cabo da Roca (Campbell, 1957a: 24) segue-se outra, bem mais específica, à Quinta dos Bochechos, manifestamente próximo da Ribeira das Maçãs (*ibidem*: 39), em Galamares (*ibidem*: 43); por seu turno, em finais da década de sessenta, Joaquim Paço d’Arcos referirá uma casa cor-de-rosa na encosta da serra, frente a Galamares (Paço d’Arcos, 1968: 7). Embora pintada actualmente de amarelo torrado, pudemos testemunhar a existência desta propriedade que, segundo informação prestada oralmente no local, foi adquirida pela família Cortez, estabelecida no ramo do comércio automóvel (Mitsubishi).

¹¹ Escassas linhas antes, o contributo português para a civilização mundial fora já avaliado e resumidamente apresentado como “[...] an intense, heroic and enduring humanity.” (*ibidem*: ix).

Trazendo-nos à lembrança a seguinte passagem de Manuel Pina:

Talvez as viagens, todas as viagens, se façam principalmente pelo lado de dentro. Talvez, quem sabe?, o viajante, procurando o mundo, caminhe sempre de regresso a casa.

Porque tudo o que o viajante deixou atrás de si o segue. A casa é a sombra do viajante. Ele próprio é, provavelmente, apenas a sua sombra.

[...]

Talvez quem um dia partiu esteja, afinal, ainda à porta de casa, hesitante, acenando. Ou talvez ninguém verdadeiramente parta, e fique parado para sempre ao fundo da rua, voltando-se para trás. Ou então talvez as viagens, todas as viagens, sejam um longo caminho para regressarmos a algum lugar interior e essencial de onde não se pode sair. (Pina, 1997: 82).

Dado à estampa no próprio ano do falecimento de Campbell, *Portugal* evidencia uma grande sensibilidade e abertura interactivas a traços e manifestações identitário-culturais portuguesas, bem como uma evidente capacidade de captação e registo do instante pitoresco e espontâneo: citem-se, como exemplos do que dizemos, as tentativas de definição ou explicação da “saudade”, não obstante a alegada intraduzibilidade do termo e do sentimento;¹² o deleite e orgulho na prossecução das diferentes actividades agrícolas, do fabrico do pão e do azeite ao cultivo do trigo e da vinha¹³ e ao interesse

¹² “[...] that mysterious melancholy which sighs at the back of every joy, delight, and pleasure like the wind in the pines.” (*ibidem*: ix) e “The Portuguese are the only people to have a word which exactly hits off that sense of brooding exile, a sort of homesickness which can even be felt at home, that otherwise undefinable fusion of yearning with satisfaction, pain with pleasure, and resignation with unattainability [...] which the word *saudade* conveys so perfectly, as does no other word in any other language. [...] But the nostalgia we feel most deeply in Portuguese poetry [...] is less perhaps a nostalgia of place than of time, remembrance, and hope.” (*ibidem*: 133-135, *passim*).

¹³ “When through my army service I was disabled from agricultural labour, [...] my one regret was that I could not grow my own wine and bread, [...] the very principles of human life and freedom. Next to seeing sunny slopes covered with vines, I love to see big stretches of wheat [...]. On my Quinta dos Bochechos, near Sintra, where we had an inexhaustible water supply and could irrigate the whole farm in fifteen minutes, my wife and I had the delight of growing our own bread on ten acres of virgin soil which we cleared of scrub, so that the finest corn in the whole district, according to the Government threshers at Varzea [sic], was grown by us.” (*ibidem*: 38-39, *passim*). Roy Campbell foi também co-autor de um estudo sobre doenças do tomate, publicado nos Estados Unidos e do qual existe um exemplar na Escola Superior Agrária de Castelo Branco (Campbell, 1956).

pela pecuária e pela tauromaquia; ¹⁴ o reparo sobre a inebriante condução rodoviária dos portugueses ¹⁵ ou o sentido de humor subjacente à narração do seguinte episódio:

Once while driving a car in the Alentejo we experienced the most determined and vicious charge from a domesticated bell-ox, or *cabestro* [sic], of this breed. It was in 1937, at night, before the road to Lagos from Setúbal was metalled: and we were going along slowly in the thick dust which we raised, which a following wind carried before us, and which seemed a wall of fog, scarcely penetrable by the headlight. We heard cattle-bells, and Dr. Pinto, the Municipal Health Officer of Lagoa, [...] stopped the car, since, from the sound, a big herd was crossing ahead of us [...]. Suddenly we heard the clanging of one of the bells quite near us, and out of the fog broke a huge horned head followed by a great black body. There was a terrific crash and clang, as he hit the radiator. He withdrew a yard or two, paused, and charged again. This time he must have hurt himself, for he withdrew, shaking his head from side to side, as if stunned momentarily, but otherwise unhurt. He had turned one of the headlights completely upwards so that it shot a vertical beam to what seemed an extraordinary height, illumining the clouds [...] over the high plateau. With our combined strength the cowboy (who rode up on hearing the crash), the doctor, and myself (in all some 600 lb. of gristle and brawn) could not bend the twisted iron one millimetre back towards its original position. This was during the Spanish War, when I was back with my family at Lagoa, on leave from the Madrid front; there had been unofficial air-raid alarms, because the Red Radios were threatening the Portuguese for aiding the Spaniards, as they did in the Peninsular War [...].

When we drove through the gas-lit villages, with me in a Spanish uniform, and what seemed a searchlight pointing to the sky, we caused quite a lot of excitement, especially when we had to pass through Lagos itself on our way to Lagoa. The police kept stopping us to ask if an air-raid was expected. So that poor old bell-ox created a tremendous sensation [...]. (*ibidem*: 106-107, *passim*; para uma versão ligeiramente diferente, cf. Campbell, 1971: 229).

Equilibrando relatos (d)e histórias pessoais com informações e apontamentos de carácter didáctico sobre o país e, aqui e além, opiniões e comentários de recorte político-ideológico, *Portugal* não esconde uma grande admiração pela figura e pelo regime de Oliveira Salazar, articulável com a simpatia de Campbell pelo nacionalismo

¹⁴ Na verdade, *Portugal* consagra-lhes nada menos de dois capítulos (“Portuguese Horsemen and Horses” in *ibidem*: 71-97, e “Gado Bravo and the Campinos” in *ibidem*, 98-118); cf. também *supra*: nota 4.

¹⁵ “It is one of the few faults of [...] the Portuguese, that they drink more per head than any other people in the world, including Scots, Irish or American, but they’ve got it growing on their doorstep, and they can stand up to it better than most of us can. But on Sundays you can see some of them shepherding invisible sheep along the main roads, from side to side: so, on Sundays, you motorists should drive carefully in Portugal.” (*ibidem*: 41). Por infeliz coincidência, Campbell seria precisamente vítima de um acidente rodoviário mortal.

franquista ¹⁶ e responsável por observações e associações um tanto inesperadas, como a equiparação de Salazar a D. Afonso Henriques (*ibidem*: viii) e a apresentação de Portugal como “[...] the only country in Europe which, because of two miracles, the honesty, valour, and genius of a statesman of peasant stock, Salazar, and the perfectly proven appearance of the Mother of God, the snake-treader, Eve, at Fatima [sic], is on the upward grade. [...] I put Salazar first because it is a greater miracle that a statesman should be clean, than that Our Lady should be kind.” (*ibidem*). ¹⁷ Em nota enviada a Stephen Spender em Setembro de 1953, Jorge de Sena viria mesmo a comentar: “O ‘seu amigo’ Roy Campbell que conheci aqui concorda com o governo em que todos somos ‘vermelhos’ se não veneramos Nossa Senhora de Fátima e o seu enviado especial, Salazar.” (Sena, 2005: 267-268). ¹⁸

Se, por conseguinte, *Portugal* se enquadra ainda e também no que genericamente designamos de “literatura de viagens”, a publicação deste tipo de relatos em pleno século XX ¹⁹ justifica, a nosso ver, um estudo que dê conta das motivações, dos pressupostos, dos objectivos (estéticos, ideológicos, etc.) subjacentes ao acto de viajar e à própria viagem, bem como das conseqüentes alterações introduzidas no

¹⁶ “Although Estado Novo was not precisely fascist, emigrating to it after the war may have enhanced or exaggerated the image he had developed. Or it could be said to have clarified it, as the dictator Salazar’s regime was more like traditionalist Catholic authoritarianism – which is perhaps more in line with what he envisioned than Franco’s rule.” ([http://en.wikipedia.org/wiki/Roy_Campbell_\(poet\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Roy_Campbell_(poet))): 2).

¹⁷ No capítulo final, Campbell consideraria a capital portuguesa “[...] restored to its original greatness by the Grace of Our Lady of Fatima [sic] and by the judicious prudence, dauntless courage, honesty, and determination of her great, ‘illuminated’ and faithful servant, Oliveira Salazar.” (*ibidem*: 203-204); este diagnóstico antecede a tradução para inglês da descrição de Lisboa por Tirso de Molina em *El Burlador de Sevilla*, que Campbell afirma ter sido elogiada em *The Times* e passado três vezes no “[...] Third Programme [...]” (*ibidem*: 203), aparentemente da BBC.

¹⁸ Peter Alexander data de Junho de 1935 a conversão oficial de Campbell ao catolicismo, pouco antes de um curto, mas profundamente atribulado, período de residência em Toledo (Campbell (ed. Peter Alexander), 1982: xix-xx).

¹⁹ Cf. também, por exemplo, Fryer e Pinheiro, 1961, e Calado, 2005; este último estudo incide sobre John Gibbons (1882-1949), autor, entre outros títulos sobre Portugal, de *I gathered no moss* (1939), obra distinguida nesse mesmo ano com o “Prémio Camões”, atribuído pelo Secretariado de Propaganda Nacional e entregue a Gibbons pelo próprio Salazar.

subgénero após a massificação do turismo moderno, confrontando-os com perfis recorrentes e/ou dominantes n(d)os textos legados pelos séculos XVIII e XIX.²⁰

2) O poeta:

Na Introdução que abre a sua antologia de textos poéticos de Campbell, Peter Alexander faz notar, explicando-as, as dificuldades de datação de muitas dessas composições, bem como a sua desigual qualidade, facto do qual o próprio Campbell teria tido consciência, substituindo progressivamente a escrita de originais por traduções do português, do espanhol (San Juan de la Cruz, Lorca,²¹ Manuel Ruiz, Rafael Morales, Dionisio Ridruejo, Rubén Dario...) e do francês (Rimbaud, Baudelaire...) a partir de meados da década de 1930 (Campbell (ed. Peter Alexander), 1982: xi-xvi).²²

Além da antologia editada por Alexander, da qual começaremos por citar, visto possuímos um exemplar próprio, não lográmos ter acesso ao primeiro dos três volumes de poemas publicados pelo nosso autor (Campbell, 1949, 1957b e 1960a), o que --- há que reconhecê-lo --- sempre relativiza e fragiliza um pouco qualquer apreciação global dos originais de Campbell sobre figuras, acontecimentos, locais e temáticas portuguesas. Dito isto, importa acrescentar que, de todo o modo, a consulta do segundo e do terceiro volumes demonstrou que esse *corpus* de originais coincide na íntegra com o reunido na antologia de Peter Alexander, pelo que julgamos poder inferir-se que ele

²⁰ Sem preocupações de exaustividade, recordemos, entre outros factos e fenómenos marcantes da passagem de britânicos pelo nosso país, a *Grand Tour*, o terramoto de Lisboa, as relações económico-comerciais em geral e vitivinícolas em particular, a voga literária e pictórica de Sintra, a Guerra Peninsular ou as guerras entre liberais e miguelistas do segundo quartel do século XIX.

²¹ “Campbell [...] produced what may be the most idiomatically sensitive translations into English of the Spanish martyr-poet Federico García Lorca, who was killed by Nationalist-associated fanatics at the outbreak of the Spanish Civil War. The happy union of the gay and left-leaning Lorca and his rightist, ultra-macho translator – they never met -- is a fascinating challenge for any student of modernist poems.” ([http://en.wikipedia.org/wiki/Roy_Campbell_\(poet\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Roy_Campbell_(poet))): 2).

²² Peter Alexander é também o autor de uma biografia crítica sobre Roy Campbell (Alexander, 1982), à qual, todavia, não tivemos acesso.

terá sido bastante restrito, embora digno de registo e, nalguns casos, merecedor de tradução para castelhano (Campbell, 1958).²³

Publicado originalmente no próprio ano da morte de Campbell (1957), não nos é facultada a data de composição de “November Nights” (in Campbell (ed. Peter Alexander), 1982: 107), uma evocação intimista da casa de Sintra, refúgio ou porto de abrigo quando --- “on the westmost point of Europe, where it blows with might and main”, como se lê no verso inaugural --- as noites de temporal fustigam a serra e encapelam as ondas do Atlântico. E contudo, ainda em discurso directo,

[...] for the firelight on your face I would not change the sun,
Nor would I change a moment of our winter-season, no,
For our springtime with its orioles and roses long ago. (vv. 18-20 in *ibidem*).

Composto entre 5 e 14 de Agosto de 1926, publicado pela primeira vez em *Adamastor* (1930) e dedicado a Robert Lyle,²⁴ nenhuma das sextilhas que compõem “Tristan da Cunha” (in Campbell (ed. Peter Alexander), 1982: 15-18) contém qualquer referência a Portugal, apesar da historicidade da descoberta do arquipélago homónimo pelos Portugueses (1506). A sua transferência da posse britânica para a colónia do Cabo, que o administraria até 1938, poderá ter contribuído para a escolha do tema por parte de Campbell, traçando-se no poema sucessivos paralelos entre a solidão e o isolamento bravios desta ilha perdida em pleno Atlântico Sul e do Eu poético que directamente a interpela.²⁵

²³ Os poemas em causa são “Doblando el cabo” (*ibidem*: 16-17), “Tristan da Cunha” (*ibidem*: 28-33) e “Luis de Camões” (*ibidem*: 49).

²⁴ Entre outras referências, Campbell apresentá-lo-ia como alguém “[...] who has shared all my travels in Portugal, has called his forthcoming book on Portugal *Rose of the Winds* --- the most perfect description of this country that was ever given.” (Campbell, 1957a: 99).

²⁵ Cf., por exemplo, “Why should you haunt me thus but that I know / My surly heart is in your own displayed, [...]” (vv. 13-14 in *ibidem*: 15) e sobretudo “Exiled like you and severed from my race / By the cold ocean of my own disdain, / Do I not freeze in such a wintry space, / Do I not travel through a storm

“Rounding the Cape” (in *ibidem*: 22-23), composto em 1927, foi igualmente publicado pela primeira vez em *Adamastor*. A apresentação do Cabo que domina a cidade como “[...] lugar de partição e de passagem entre as tormentas e a ‘boa esperança’, entre os lados ‘mau’ e ‘bom’ da África.” (Furtado, 1990: 139) justifica já uma alusão de Campbell aos Portugueses, poeticamente nomeados como “The sons of Lusitania”, em estreita conexão com esse sacrílego gigante de mitológicas proporções e ressonâncias. Não obstante esta referência, o principal motivo de interesse deste poema reside, conforme o notara já Filipe Furtado, na construção de uma atmosfera de ameaça e violência latentes,²⁶ bem como de um tenso e expectante silêncio, que joga com a negritude da noite, da raça e do próprio continente.²⁷ Nas palavras de Lawrence Lipking, “Adamastor is the Other; the dark, unconquerable continent; the victims of imperialism; the blacks who already inhabit the land but whom *The Lusitania* barely notices.” (Lipking, 2004: 75).

Em âmbito mais directamente relacionado com o nosso património literário, “Luis de Camões” (in *ibidem*: 89-90), nas palavras do seu tradutor Jorge de Sena, “[...] documenta uma compreensão [...] comovente do destino camoniano, por parte de quem estimava Portugal talvez por aquilo mesmo que mais nos entristece: a orla atlântica separada de tudo...” (Sena, 2005: 70; tradução in *ibidem*: 158). Composto em Junho de 1943 e publicado originalmente em *Talking Bronco* (1946), este poema assume particular interesse, não apenas pela estatura do homenageado, mas também visto ser o soneto a forma adoptada por Campbell²⁸ para a exposição de paralelismos entre os

as vast / And rise at times, victorious from the main, / To fly the sunrise at my shattered mast?” (vv. 67-72 in *ibidem*: 17).

²⁶ “Across his back, unheeded, we have broken / Whole forests: heedless of the blood we’ve spilled, / In thunder still his prophecies are spoken, / In silence, by the centuries, fulfilled.” (vv. 9-12 in Campbell (ed. Peter Alexander), 1982: 22).

²⁷ “The land lies dark beneath the rising crescent, / And Night, the Negro, murmurs in his sleep.” (vv. 19-20 in *ibidem*: 23).

²⁸ De resto, o esquema estrofico-rimático não é sequer o do soneto inglês, mas uma das variantes do petrarquista (abab/cdcd/efg/efg).

percursos pessoais de ambos; na verdade, o facto de Camões e Campbell terem aliado as experiências da guerra e da criação poética, representadas respectivamente na conhecida sinédoque da espada e da pena, decerto contribui para a apresentação de Camões como “[...] the soldier’s poet *par excellence*” (Campbell, 1957a: 142) e o reconhecimento de que “I find a comrade where I sought a master: [...]” (v. 4 in Campbell (ed. Peter Alexander), 1982: 89),²⁹ num quase eco das afinidades electivas subjacentes à recepção e às traduções oitocentistas de Richard Francis Burton (1821-1890).

A similitude de experiências entre Camões e Campbell poderá igualmente ter contribuído para um outro soneto,³⁰ também ele composto em Junho de 1943 e publicado em *Talking Bronco* (1946): trata-se de “Imitation (and Endorsement) of the Famous Sonnet of Bocage which he Wrote on Active Service Out East” (in Campbell (ed. Peter Alexander), 1982: 90), que outro não é senão o conhecido “Camões, grande Camões, quão semelhante”. Esta remissão confirma e reforça a efectiva presença de um afluente camoniano no caudal poético de Campbell (já detectado, de resto, há quarenta anos, por Joaquim Paço d’Arcos),³¹ para o qual terá decerto concorrido a celebração vática da dobragem do Cabo rumo ao Malabar, mas que, como veremos, se manifesta também nos campos da tradução e da ensaística.³²

²⁹ A sugestiva imagem do segundo verso (“Born in the **black aurora** of disaster” in *ibidem*: 89; negritos nossos) surge reescrita em *Portugal* como “[...] angry morning [...]” (Campbell, 1957a: 143), o que indicia uma prática de auto-revisão dos textos.

³⁰ O modelo rimático agora adoptado (abba/cddc/efe/gfg) diverge do anterior (cf. *supra*: nota 28), o que sugere destreza no cultivo da forma.

³¹ Referindo-se a *Lorca – An appreciation of his poetry*, publicado em Cambridge em 1952, escreve Paço d’Arcos: “Neste ensaio recorda Campbell uma vez mais Camões, que quase poderíamos considerar seu patrono no sonho, na aventura e no estro poético. Perante a ‘*Elegia de Joana a Louca*’, evoca o episódio de Inês de Castro, em ‘*Os Lusíadas*’.” (Paço d’Arcos, 1968: 17).

³² Apesar da presença assídua de Camões nesta mesma revista (cf., por exemplo, Lipking, 2004: 55-82, Monteiro, 1999: 7-15 e *idem*, 2002: 37-55, Odber de Baubeta, 2001: 43-65 e *idem*, 2003: 27-34, Kelsh, 2001: 67-82 e Ramos, 2005: 7-25), nem sempre Roy Campbell surge mencionado (Lipking, 2004: 75, Odber de Baubeta, 2001: 55, 59 e 62 e sobretudo Kelsh, 2001: 73-74, entre outras, são as excepções), pese embora a investigação produzida sobre o ‘camonismo’ de Campbell pelo próprio George Monteiro (1996: 122-125 e 147).

3) O tradutor e divulgador da literatura portuguesa:

Esta vertente constitui, a nosso ver, a mais importante de toda a actividade lusófila de Campbell, justificando por si só um estudo que, de forma profunda, rigorosa e sistemática, aferisse os graus de ‘equivalência’, ‘fidelidade’ ou ‘traição’ das traduções assinadas pelo nosso autor. Os propósitos e limites deste artigo impedem-nos de ousar tal empresa, tanto mais que não seria fácil navegar entre Cila e Caríbdis, evitando em simultâneo, por um lado, avaliações ou apreciações globais, mais ou menos vagas e impressionistas, das capacidades e realizações tradutológicas de Roy Campbell e, por outro, comentários excessivamente casuísticos, direccionados para o poema A, a estrofe X, o verso Y, a expressão W ou a palavra Z. Assim, limitar-nos-emos a cartografar o *corpus* literário lusófono traduzido por Campbell, na certeza de que esse mero exercício permitirá por si só dar conta, quantitativa e qualitativamente, da sua extensão e importância.

Além da tradução de dois romances de Eça de Queirós, *O Primo Basílio* e *A Cidade e as Serras*,³³ ambas elas criticadas com alguma severidade por Helen Kelsh (2001: 73-74 e 77; cf. ainda H. V. L., 1954 e Keenoy *et al.*, 1995: 22-25), a antologia poética organizada por Peter Alexander, à qual começámos uma vez mais por recorrer, inclui “Love Song – At St. Simeon’s shrine I sat down to wait – Mindinho [sic]” (Campbell (ed. Peter Alexander), 1982: 121-122),³⁴ “Re-encounter – Joaquim Paço d’Arcos” (in *ibidem*: 122-123), uma evocação pungente do abandono e do esquecimento

³³ Na página anterior à do rosto de *Portugal*, a lista de traduções em prosa menciona ainda *The Relic*, dando-a como igualmente publicada pela editora londrina Max Reinhardt; contudo, não lográmos colher quaisquer outras informações sobre este trabalho. Tê-lo-ia Campbell deixado incompleto, mas já contratualizado?

³⁴ Tradução sem data conhecida e publicada originalmente em Campbell, 1957: 124 da cantiga de amigo “Sedia-m’eu na ermida de San Simion”, de Mendinho.

que tomaram conta de Giraul, Angola,³⁵ e “Counsel – Manuel Bandeira” (in *ibidem*: 123-124).³⁶ Nada nos é dito sobre as razões ou os critérios de tão heterogénea escolha; aliás, *mutatis mutandis*, já Filipe Furtado, na sua recensão a *Shades of Adamastor*, estranhara o emparelhamento de Paço d’Arcos com Camões e Fernando Pessoa.³⁷ No que respeita o nosso autor, é verdade que o último trabalho de Campbell foi, de facto, a tradução de um volume de poemas de Joaquim Paço d’Arcos, cuja edição não viria já a testemunhar (Paço d’Arcos, 1952 e 1960);³⁸ como ressalta, porém, das meticolosas investigações efectuadas por George Monteiro (1994 e 1998: 19-27 e 108-136), o ‘pessoanismo’ de Campbell transcende em muito o mero registo de uma passagem comum --- embora não coetânea --- pela *Durban High School*, antes contribuindo, de forma pioneira, para os primórdios da tradução e divulgação de Pessoa no espaço anglófono de meados do século XX.³⁹

³⁵ Tradução de “Reencontro”, igualmente sem data conhecida e publicada em 1960, da qual citamos, a título ilustrativo, o seguinte passo: “Miss Blond no longer takes the children walking, / Tall, noble ‘Tiger’ died of ripe old age, / The natives long ago destroyed their fetters, / Only the spectres have remained / Where they were left. They, only, populate / The memory and inhabit the town, / With their faint, beloved voices, / With their lost voices / In the deserted House, which now the desert / Covers with dust [...]” (vv. 21-30 in *ibidem*: 123).

³⁶ Tradução de “Renúncia”, datada de Maio de 1952 e publicada originalmente em Campbell, 1957b. A escolha desta exortação ao estoicismo reafirma o gosto de Campbell pela forma sonetística, já patente nas relações textuais mantidas com Camões e Bocage, e, de resto, cultivada com esmero pelo autor de Pasárgada.

³⁷ “[...] a inclusão de Joaquim Paço d’Arcos a par de dois vultos fundamentais, sem qualquer alusão aos desníveis de vária ordem que deles o separam, é no mínimo pouco abonatória dos critérios seguidos na antologia, além de conducente a equívocos evitáveis por parte de leitores naturalmente distantes da literatura portuguesa.” (Furtado, 1990: 138).

³⁸ Na já citada conferência de 1967, Paço d’Arcos teria, de resto, ocasião de expressar e agradecer a honra que para ele representara o interesse do autor sul-africano, explicando-o, de forma tentativa, “[...] pela aragem do vasto mundo, pela evocação das praias distantes, das paisagens remotas, de estados de espírito idênticos aos seus --- aos dele, de nómada impenitente --- que aquelas minhas poesias reflectiam.” (*idem*, 1968: 6).

³⁹ “He [Roy Campbell] initiated a translation project by characteristically talking up his poets --- especially Pessoa --- in radio broadcasts. But his plan for a collection of Pessoa in English translation had not yet materialized when, in 1957, he died in a car accident [...]. He left unfinished in manuscript a study of Pessoa, under contract to a London publisher, that did not achieve print for nearly four decades. (The surviving draft of this unfinished work appears below in the Appendix.)” (Monteiro, 1998: 9-10; o referido estudo, marcado por longas e frequentes digressões, bem como por algumas opiniões político-ideológicas bastante polémicas e contundentes, surge in *ibidem*: 108-136). Mais adiante, o mesmo Monteiro acrescenta: “A great admirer of Portugal --- its history, people, and literature --- Campbell set forth in the early 1950s to write a book on Pessoa for an Anglo-American audience.” (*ibidem*: 12).

Prefaciado por Edith Sitwell, o terceiro volume de *Collected Poems* (Campbell, 1960a) é inteiramente dedicado a traduções de originais latinos, portugueses, castelhanos e franceses. A listagem seguinte, da qual excluimos já as três traduções lusófonas que constam da antologia organizada por Peter Alexander (cf. *supra*: notas 34-36), mas à qual poderiam somar-se as traduções pessoais dispersas nomeadas por George Monteiro,⁴⁰ comprova um aumento significativo dos autores e textos traduzidos:⁴¹

“Love Song --- Tell me, my daughter, my pretty young daughter --- Pero Meogo” (Campbell, 1960: 119-120);⁴²

“My lover goes wounded --- Pero Meogo” (*ibidem*: 120);⁴³

“Dance Song --- Airas Nunes” (*ibidem*: 121);⁴⁴

“A scene from a play by Gil Vicente. What Every-Man does, and what No-One does” (*ibidem*: 121-124);⁴⁵

“Rowing go the rowers --- Gil Vicente” (*ibidem*: 124);⁴⁶

“Canção IX --- Camões” (*ibidem*: 124-127);⁴⁷

“The Sailor-Girl – Camões” (*ibidem*: 127-128);⁴⁸

“From The Lusiads, Book VIII --- Camões” (*ibidem*: 129);⁴⁹

“On a shipmate, Pero Moniz, dying at sea --- Camões” (*ibidem*: 129-130);⁵⁰

“Seven long years was Jacob herding sheep --- Camões” (*ibidem*: 130);⁵¹

“Dear gentle soul, who went so soon away – Camões” (*ibidem*: 130-131);⁵²

“My being turns to smoke in the mad strife --- Bocage” (*ibidem*: 131);⁵³

“Hymn of the Morning --- Antero de Quental” (*ibidem*: 131-135);⁵⁴

“The Most Holy Virgin--- Antero de Quental” (*ibidem*: 136);⁵⁵

⁴⁰ É o caso, por exemplo, do “O Mostrengo” --- reencarnação em Pessoa do Adamastor camoniano ---, parcialmente transcrito no mesmo estudo de Campbell (in Monteiro, 1998: 135-136); cf. também *ibidem*: 25 e 139, nota 23.

⁴¹ Os títulos reproduzidos são os que constam da edição de 1960, acrescentando-se-lhes, em nota de rodapé, a identificação **sumária** dos seus correspondentes em português; para não alongar a já extensa bibliografia, prescindiu-se da referência das edições consultadas das obras que integram todos estes originais.

⁴² Cantiga de amigo “Digades, filha, mia filha velida”.

⁴³ Cantiga “Tal vai o meu amigo, con amor que lh’eu dei”.

⁴⁴ Bailia “Bailemos nos ja todas tres, ai amigas”.

⁴⁵ Excerto do *Auto da Lusitânia*.

⁴⁶ Abertura do *Auto da Barca do Purgatório*.

⁴⁷ “Junto de um seco, fero e estéril monte”.

⁴⁸ “Irme quiero, madre”.

⁴⁹ Na verdade, o passo original não consta do Canto VIII, mas do VII (estr. 79, v. 4 - estr. 81).

⁵⁰ Soneto “No mundo, poucos anos e cansados”.

⁵¹ Soneto “Sete anos de pastor Jacob servia”.

⁵² Soneto “Alma minha gentil, que te partiste”.

⁵³ Soneto “Meu ser evaporei na lida insana”.

⁵⁴ “Hino da Manhã”.

⁵⁵ Soneto “À Virgem Santíssima”.

“The thing that hurts and wrings --- Fernando Pessoa” (*ibidem*: 136);⁵⁶
“Death comes before its time” (*ibidem*: 137);⁵⁷
“The poet fancying each belief --- Fernando Pessoa” (*ibidem*: 137);⁵⁸
“From the Maritime Ode --- Alvaro de Campos” (*ibidem*: 138-139);⁵⁹
“Fear --- Joaquim Paço d’Arcos” (*ibidem*: 139-140);⁶⁰
“Irrigation --- Francisco Bugalho” (*ibidem*: 141-142);⁶¹
“Fado-Canção --- José Régio” (*ibidem*: 142-144).⁶²

Pela sua heterogeneidade e amplitude temporal, este *corpus* enquadra-se plenamente na indicação de que “As late as 1954, he [Roy Campbell] was ‘translating an anthology of Portuguese poetry from the troubadours to the present day, to be published simultaneously by the Portuguese government, who commissioned the work, and by the Harvill and Pantheon presses, respectively in London and New York.’” (Monteiro, 1996: 123). No entanto, e como complemento da via tradutológica, a divulgação campbelliana da literatura portuguesa materializar-se-ia também num ensaio intitulado “The Poetry of Luiz de Camões” e publicado já postumamente (Campbell, 1957c), do qual citaremos, em nota de rodapé, algumas passagens mais relevantes e que correspondem praticamente *ipsis verbis* às considerações avançadas sobre o poeta em *Portugal* (*idem*, 1957a: 133-146).

Além da transcrição do soneto próprio “Luis de Camões” (cf. *supra*: 10-11), bem como de todas as recém-citadas traduções de originais camonianos, parecem-nos de destacar, neste ensaio, uma nova chamada de atenção para a intraduzibilidade do termo “saudade” (cf. *supra*: nota 12) e a relação dos sentimentos a ela subjacentes com as *border ballads*, canções gaélicas e jacobitas, omitindo-se, porém, as outras

⁵⁶ “O que me dói não é”.

⁵⁷ “A morte chega cedo”.

⁵⁸ “Autopsicografia”.

⁵⁹ O excerto traduzido é: “Ah, todo o cais é uma saudade de pedra [...] Como se fosse a sombra duma nuvem que passasse sobre água sombria”. O estudo inacabado de Campbell sobre Pessoa contém uma versão diferente e mais extensa da “Ode Marítima” (Monteiro, 1998: 131-133).

⁶⁰ “Medo”.

⁶¹ “Rega”.

⁶² Mantido o título original.

aproximações luso-escocesas constantes de *Portugal*; ⁶³ a revelação da compra de um exemplar da obra lírica de Camões antes do alistamento nas forças britânicas e da partida para a costa oriental de África no início da década de 40; ⁶⁴ e, finalmente, as observações relativas ao Dia de Camões (actual Dia de Portugal, Camões e das Comunidades Portuguesas). ⁶⁵

Fará sentido, em nossa opinião, concluir esta breve resenha da figura e obra lusófilas de Roy Campbell com uma referência específica aos capítulos 7 e 8 de *Portugal*, intitulados “Portuguese Poetry from King Sancho I to José Regio [sic]” e “Portuguese Prose” (Campbell, 1957a: 119-163 e 164-185, respectivamente). As diversas menções feitas a Aubrey Bell (1881-?) levam-nos a pensar que Campbell deverá tido acesso ao influente estudo *Portuguese Literature*, publicado em 1922 e traduzido para português (Bell, 1971), ⁶⁶ ou porventura conhecido o eminente lusófilo,

⁶³ A título de exemplo, “The big stone boar carved in the rock at Dunadd in Argyllshire is the brother to that of Murça [...], Braganza [sic], and other places. Like that of Murça, the Scottish one is accompanied by a hollow bowl to contain the oil of anointment. The very ancient clan whose name I bear landed in western Scotland in about the first century B.C. Not only did they carve a boar identical with those of northern Portugal in the solid rock [...], but they wear it to this day as their tribal crest or totem in their glengarries, and use a very similar dark green tartan to many of the shirts to be seen on the fishermen in Nazaré [...]. (Campbell, 1957a: 16) e “The great Lusitanian hero Viriathus had to be got rid of by bribing other Celtiberians to murder him. This is the weakness of all Celts: they seem to enjoy fighting each other more than their common enemy, and the descendants of Viriathus in the north of Scotland wasted centuries in petty clan feuds which, even at critical moments like Killikrankie and Culloden, always took precedence over their quarrel with the common enemy.” (*ibidem*: 21).

⁶⁴ “At the outbreak of the last war I sailed from Lisbon to volunteer for the British Army, and spent my last money on the complete poems of Camões, which I eventually carried in my kitbag round the Cape and out east to many of the very places described in the *Lusiads*, such as Mombasa [sic], Melinde, Lama: but the most extraordinary coincidence was to be posted [...] opposite the very spot where he wrote the most affecting of his *Cancoes* [sic]; apparently he was coast-watching for Arab dhows, as I was for Jap submarines, which often camouflaged themselves as dhows, to come in close [...]. The ‘hideous mountain’ of Camões is at Cape Guardafui.” (*idem*, 1957c: 25).

⁶⁵ “What he [Camões] is to the Portuguese populace may be assessed in the fact that the only non-religious festival which is accorded the importance of one [...] is the Day of Camões. Imagine the English having a national holiday on ‘Shakespeare Day’. They are awed by Shakespeare but he is too aloof and impersonal to inspire a national love: he means nothing to *the people*. The nearest personal memory in England [...] would be that of Lord Nelson. The Portuguese have as great sailors and as great a naval history as ours but it would be difficult to imagine their celebrating a Vasco da Gama Day with the solemnity of a Camões Day.” (*ibidem*: 33); a propósito deste contraponto entre Camões e Shakespeare, veja-se, por exemplo, Ramos, 2005: 7-25. Repare-se como, através do possessivo “ours”, a auto-identificação deste sul-africano com a história naval inglesa/britânica abre pistas aos Estudos de Identidade, (Pós-)Imperiais e (Pós-)Coloniais.

⁶⁶ Já George Monteiro havia sugerido a utilização como fonte de *The Oxford Book of Portuguese Verse*, a antologia organizada por Aubrey Bell (Monteiro, 1998: 139, nota 23).

mas trata-se apenas de uma hipótese de trabalho que só investigações adicionais poderiam ou não confirmar.

Embora os juízos avançados sobre os vultos escolhidos nem sempre ultrapassem o plano das generalidades biográficas, por vezes com imprecisões factuais e cronológicas e mesmo erros ortográficos, o propósito de divulgação condensada do nosso património poético-literário merece renovadas palavras de apreço, tanto mais que à recuperação, para fins ilustrativos, de praticamente todas as traduções citadas nas páginas anteriores vêm somar-se outras duas: a do último terceto de um conhecido soneto de Bocage⁶⁷ e a famosa descrição da morte do rouxinol de Bernardim.⁶⁸

Gostaríamos, enfim, de concluir, com uma chamada de atenção para duas apreciações que nos surpreenderam, mas que oferecem colateralmente alguns ténues elementos sobre o modo como Campbell concebia e praticava a actividade da tradução, e sobretudo induzem questões teóricas de maior fôlego e mais longo alcance, susceptíveis de concitar a atenção de historiadores e teorizadores literários em geral e de pendor comparativista em particular.

Assim, se é no mínimo curiosa a ênfase colocada por Campbell na qualidade **poética** de Gil Vicente face à actual valorização da sua actividade **dramatúrgica**,⁶⁹ que

⁶⁷ “I was a second Aretine! I stained / Sanctity! Impious folk, if you believe me, / Tear up my verse! Believe eternal life!” (*ibidem*: 147).

⁶⁸ “While I was thus plunged in my reverie, it was not long before a nightingale came and sat on a green bough overhanging the waters. He began to sing in so sweet a voice that I was soon entirely taken up with listening to him. He redoubled his laments, till I thought he must cease from sheer fatigue, but he always began to sing more beautifully still. Then in the midst of his plaints, I know not how, he suddenly fell dead on the waters. As he fell between the boughs, many leaves fell with him and I took it as a sign of mourning and sympathy for so great a misfortune. He drew the ripples after him, and the leaves after the ripples. I should have loved to fetch him, but at that spot the currents are too swift, and the thickets on the water-edge too thorny; and soon he disappeared out of sight. My heart was so seized to see one, who had sung so sweetly a moment before, fall so suddenly dead, that I could not stop my tears.” (*ibidem*: 167).

⁶⁹ “He is the greatest all-round original genius that Portugal ever produced, and if he yields an inch to Camões in the sphere of poetry, it is due to the latter’s powers of assimilation and learning from classical and contemporary foreign models. Here is a song from Gil Vicente literally translated, without attempting the impossible, which would be to try to capture the charm along with the meaning [...]” (*ibidem*: 132).

dizer dos louvores tecidos a João de Deus, ⁷⁰ hoje em dia praticamente esquecido ou, quando muito, lembrado apenas como devotado pedagogo e autor da *Cartilha Maternal*? Estaremos perante uma posição meramente individual e pessoal de Campbell ou, pelo contrário, de reflexos de um mais vasto sentir coevo, sem correspondência no nosso presente? Entre esses dois tempos --- o Então e o Agora ---, que eventuais alterações se terão registado a nível de estruturas de sensibilidade e horizontes de expectativa? Terá esse intervalo conferido a Mestre Gil uma canonicidade alternativa e, pura e simplesmente, descanonizado João de Deus? Se sim, quando, como e porquê?

Interrogações como estas convocam, logicamente, os domínios e conceitos dos Estudos Literários Comparados, da Estética da Recepção e da História do Gosto, mas também da História da Tradução e dos Estudos de Cânone numa perspectiva **bilateral** que julgamos dever ser enfatizada e poder ser desenvolvida. Na verdade, sabe-se ainda relativamente pouco sobre o modo como se processou(a) a formação, difusão e recepção **no estrangeiro** (neste caso, em Inglaterra) de cânones literários de **outras** literaturas (na circunstância, portuguesa) ... para não falar já do apuramento e da caracterização de lógicas, fluxos e mecanismos de ‘exportação’ e ‘importação’ de cânones; do papel desempenhado pela tradução nas suas (re)configurações além-fronteiras da(s) língua(s) de origem; do seu confronto com os cânones **nacionais** oficialmente instituídos ou consagrados; ou das próprias ‘flutuações’ ou ‘variações de cotação’ de autores e obras (naturalmente geradoras de ‘mais-valias’ e ‘menos-valias’) nos ‘mercados editoriais’ e nas ‘bolsas de valores literários’, nacionais e estrangeiras.

⁷⁰ “After the romantics we come to a Pleiad, known as the Coimbra group, largely because the chief poets [...] were [...] students there. But there is one outstanding and radiant contemporary figure, who [...] could not be relegated to any school, locality, or period --- [...] the exuberant, divinely happy, and delightful João de Deus, who [...] sings as naturally as a cicada in a green pine, uniting the golden age to that of the *trovadores* [...]. His poetry is more difficult to translate than that of any other Portuguese poet, because rapture cannot easily be transferred from one language to another. The glow vanishes. Poetry travels more easily in the ice of sorrow and despair.” (*ibidem*: 149-150).

Todos estes caminhos, entre inúmeros outros, foram já sinalizados nos dois estimulantes artigos que, com sentido de visão, lucidez e um pragmatismo empirista tipicamente britânicos, Patricia Odber de Baubeta e Helen Kelsh dedicaram à apresentação do megaprojecto *Sir Henry Thomas*, tão aliciante quanto ambicioso, em anterior número desta mesma revista (Odber de Baubeta, 2001: 43-65 e Kelsh, 2001: 67-82). Resta-nos formular o desejo e a esperança de que uma mais extensa e profunda abordagem da lusofilia de Roy Campbell (idealmente, a nível de pós-graduação) possa ter lugar no quadro de convergências e cruzamentos multidisciplinares como aqueles que esboçámos, conjugando reflexão teórica e análise prática e contribuindo para uma maior abertura dos Estudos Anglo-Portugueses tradicionais a autores, textos, géneros, temas, correntes e metodologias críticas contemporâneos.

Referências da bibliografia seleccionada:

A – Primária:

- I.
- CAMPBELL, Roy, 1949, *The Collected Poems*, London, The Bodley Head, vol. I.
- (trad.), 1953: Cf. QUEIRÓS, Eça de, *Cousin Bazilio*.
- (trad.), 1955: Cf. QUEIRÓS, Eça de, *The City and the Mountains*.
- , 1957a, *Portugal*, London, Max Reinhardt Ltd.
- , 1957b, *The Collected Poems*, London, The Bodley Head, vol. II.
- , 1957c, “The Poetry of Luiz de Camões”, Separata de *The London Magazine*, vol. 4, nº 8 (Agosto): 23-33.
- , 1958, *Poemas. Selección, versión y prólogo de Aquilino Duque*, Madrid, Ediciones Rialp, S.A., col. “Adonais”, CLVII.
- , 1960a, *The Collected Poems*, London, The Bodley Head, vol. III.
- (trad.), 1960b: Cf. PAÇO D’ARCOS, Joaquim, *Nostalgia*.
- , 1971 (Hollis & Carter, 1951), *Light on a Dark Horse*, Harmondsworth, Penguin Books Ltd.
- (ed. Peter Alexander), 1982, *The Selected Poems of -----*, Oxford/New York/Toronto/Melbourne, Oxford University Press, 1982.
- (trad.), 1992: Cf. QUEIRÓS, Eça de, *Cousin Bazilio*.
- (trad.), 1994: Cf. QUEIRÓS, Eça de, *The City and the Mountains*.
- WILCOX, Joseph, HOWLAND, A. F. e CAMPBELL, Roy, 1956, *Investigations of the tomato fruitworm: its seasonal history and methods of control*, Washington, US Department of Agriculture, “Technical Bulletin”, nº 1147.

B – Secundária:

ALEXANDER, Peter, 1982, *Roy Campbell: A Critical Biography*, Oxford, Oxford University Press.

FURTADO, Filipe, 1990, “Sombras de Homens Brancos”, *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, INIC - Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, nº 1: 137-143.

GOMES, António Caldeira, 1992, “Roy Campbell: a demanda de um highlander”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 110a, nos. 1-12 (Jan. Dez): 83-91.

[http://en.wikipedia.org/wiki/Roy_Campbell_\(poet\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Roy_Campbell_(poet)).

MONTEIRO, George, 1994, “Fernando Pessoa: An Unfinished Manuscript by Roy Campbell”, *Portuguese Studies*, nº 10: 122-154.

PAÇO D’ARCOS, Joaquim, 1968, *Roy Campbell, o homem e o poeta*, Lisboa, Separata da revista *Ocidente*, vol. LXXIV: sem indicação de páginas.

SENA, Jorge de, 2005a (1953), “Roy Campbell” in *Sobre Literatura e Cultura Britânicas*, Lisboa, Relógio D’Água Editores, “Obras de Jorge de Sena”: 67-68.

-----, 2005b (1957), “Sobre Roy Campbell” in *ibidem*: 69-70.

WRIGHT, David, 1961, *Roy Campbell*, London, Longmans.

C – Varia:

AIKEN, Alison, 1998, “Eça in English Translation: Some Treasures and Some Travesties”, *Portuguese Studies*, London, King’s College, nº 14: 92-103.

ANÓNIMO, 1953, *On the Four Quartets of T. S. Eliot*, London, Vincent Stuart.

BELL, Aubrey F. G., 1971 (1931), *A Literatura Portuguesa (História e Crítica)*. Tradução do inglês por Agostinho de Campos e J. G. de Barros e Cunha, Lisboa, Imprensa Nacional (ed. original: *Portuguese Literature*, 1922).

CALADO, Ana Isabel Nú, 2005, *O Portugal de Salazar visto de uma Varanda Transmontana*, Lisboa, Centro de Estudos Anglo-Portugueses/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

FRYER, Peter e PINHEIRO, Patricia McGowan, 1961, *Oldest Ally. A Portrait of Salazar’s Portugal*, London, Dennis Dobson Ltd.

H. V. L. [Harold V. Livermore?], 1954, "Cousin Bazilio, by Eça de Queiroz, translated by Roy Campbell (London: Max Reinhardt, 1953. Pp. 296. 12s 6d)", *Atlante. A Quarterly Review published by the Hispanic & Luso-Brazilian Councils*, London, vol. 2, n° 1 (January): 48-49.

HARVEY, Sir Paul (ed.), 1983 (1932), *The Oxford Companion to English Literature*, 4th. ed., revised by Dorothy Eagle, Oxford, at the Clarendon Press, 1983.

KEENOY, Ray, TREECE, David e HYLAND, Paul, 1995, *The Babel Guide to the Fiction of Portugal, Brazil & Africa in English Translation*, London, Boulevard Books.

KELSH, Helen, 2001, "Towards a History of Portuguese Literature in English Translation – Volume II: From the nineteenth century to the present day", *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n° 10: 67-82.

LIPKING, Lawrence, 2004, "The Genius of the Shore: Lycidas, Adamastor, and the Poetics of Nationalism", *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n° 13: 55-82.

MONTEIRO, George, 1993 (1988), "Traduções em língua inglesa" in A. Campos Matos (org.), *Dicionário de Eça de Queiroz*, 2ª ed., Lisboa, Editorial Caminho, AS: 907-908.

-----, 1996, *The Presence of Camões: Influences on the Literature of England, America and Southern Africa*, Lexington, Kentucky, The University Press of Kentucky, "Studies in Romance Languages", n° 40.

-----, 1998, *The Presence of Pessoa: English, American, and Southern African Literary Responses*, Lexington, Kentucky, The University Press of Kentucky, "Studies in Romance Languages", n° 43.

-----, 1999, "Notes on Camões", *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n° 8: 7-15.

-----, 2002, "Camões in the United States", *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n° 11: 37-55.

ODBER DE BAUBETA, Patricia Anne, 2001, "The Sir Henry Thomas Project: Towards a History of Portuguese Literature in English Translation", *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n° 10: 43-65.

-----, 2003, "Camões in Translation: Further Discoveries", *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, n° 12: 27-34.

PAÇO D'ARCOS, 1952, *Poemas Imperfeitos*, Lisboa, SIT.

----- (trad. Roy Campbell), 1960, *Nostalgia, a Collection of Poems*, London, Sylvan Press.

PINA, Manuel A., 1997, “O caminho de Casa”, *Tempo Livre*, Lisboa, INATEL, nº 74 (Junho): 82.

QUEIRÓS, Eça de (trad. Roy Campbell), 1953, *Cousin Basílio*, London, Max Reinhardt Ltd.

-----, 1955, *The City and the Mountains*, London, Max Reinhardt Ltd.

-----, 1992, *Cousin Basílio*, Manchester, The Carcanet Press.

-----, 1994, *The City and the Mountains*, Manchester, The Carcanet Press.

RAMOS, Iolanda Freitas, 2005, “Ser e não ser --- Camões, o Shakespeare Português”, *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Centro de Estudos Anglo-Portugueses, nº 14: 7-25.

SENA, Jorge de, 1981, “A Tradução Inglesa de ‘Os Maias’” in *Estudos de Literatura Portuguesa – I*, Lisboa, Edições 70, Lda., “Obras de Jorge de Sena”: 143-150.